

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO JOSÉ CIDALINO CARRARA



Não imaginam a emoção de estar aqui.
Falar como Acadêmico.

Falar como membro da Academia Mato-Grossense de Letras – o templo da intelectualidade de nosso Estado.

Tenho que segurar a emoção, a sensação e manter o equilíbrio para poder ter serenidade e calma para que as ideias possam fluir sem embotamento e de maneira clara. Rogo a Deus que me dê sabedoria para dirigir-vos a palavra, que espero não seja cansativa, enfadonha, prolixa e nem erudita.

Minhas palavras serão mais de regozijo, de alegria, de satisfação e de agradecimento.

Com certeza, vai falar mais alto o coração de um paulista, reconhecido mato-grossense por sua Assembleia Legislativa e, mais que isso, um mato-grossense, um cuiabano reconhecido por sua gente generosa. Um cuiabano não nascido em Cuiabá.

Devo, pois, à generosidade dos cuiabanos e mato-grossenses esta honra.

Devo à bondade dos amigos que compõem este augusto tempo da cultura, da literatura e da história de Mato Grosso, a casa de Augusto Leverger, Casa do Barão de Melgaço, de compartilhar do convívio enriquecedor e do prazer de aprender com tão ilustres escritores e cultores das artes, da política, da economia, das letras, da educação e das coisas boas do nosso Estado.

Mas, antes de prosseguir, necessário se faz registrar nesta noite, não por um dever estatutário, mas por justiça. É mister dizer e contar quem foram os imortais que antecederam-me na Cadeira nove deste fórum expoente das letras de nossa terra, que abriga os maiores cultores, criadores e trabalhadores da literatura e da história de Mato Grosso.

A Academia Mato-Grossense de Letras vai comemorar, este ano, oitenta e dois anos.

Muitos já passaram por esta Casa e dentre eles estão os que citarei agora>

É importante lembrar as coincidências entre os antecessores e o sucessor, sou jornalista, professor, advogado e aprendiz de escritor. Fui seminarista por um bom período. Isto falo, para lembrar as coincidências.

O Patrono da Cadeira n. 9, também seminarista, professor e advogado.

O Patrono da Cadeira n. 9 é Dom José Antônio dos Reis e ocuparam-na Rubens de Mendonça, jornalista e escritor, Octayde Jorge da Silva, professor e educador, e Leopoldino Marques do Amaral, seminarista, professor, jornalista, advogado e magistrado.

Perceberam que a Cadeira n. 9 sempre foi ocupada por pessoas com formação e profissão iguais a deste que vai ocupa-la a partir de hoje.

Dom José Antônio dos Reis – Patrono. Pouco se escreveu sobre o imortal, o grande Paulistano e primeiro Bispo de Cuiabá.

Sabe-se que nasceu em São Paulo, capital, no dia 10 de janeiro de 1798.

Casei-me em 10 de janeiro.

Dom José Antônio dos Reis era mulato, órfão de pai e mãe. Pobre, muito pobre. Teve uma infância e adolescência vividas nos limites dos sacrifícios. Vivia de esmolas, sem roupas, sem comida, sem cama para dormir. Um dia, o Bispo Diocesano de São Paulo, Dom Mateus de Abreu Pereira, se encantou com os dotes intelectuais daquele menino mulato e o recolheu num quarto da Diocese paulistana, e passou a apoiá-lo e incentivá-lo nos estudos.

Durante o curso de Filosofia que o jovem José Antônio dos Reis passara a frequentar, este a cada dia demonstrava mais e mais interesse pelos estudos. O curso de Filosofia era ministrado por Frei Francisco de Montalverne. Dom Mateus de Abreu Pereira nomeou José Antônio dos Reis, então com 15 anos, altareiro da Sé, isto é, sacristão incumbido da arrumação, organização e limpeza dos Altares da Catedral da Sé de São Paulo. Com essas atividades, o jovem José Antônio dos Reis passou a viver num mundo místico e religioso e viu-se atraído pelo sacerdócio. Assim, após o curso de Filosofia, cursou Teologia e foi ordenado Padre, segundo Dom Aquino Corrêa, com 23 anos de idade, em 1821. O Padre José Antônio dos Reis exerceu o sacerdócio em Minas Gerais, onde também lecionou para ter um ganho melhor. Mas, o Padre Reis – como era conhecido – tinha ainda em Dom Mateus de Abreu Pereira, Bispo Diocesano de São Paulo, um grande protetor, que dele se lembrou, em 1825, quando foi solicitado para indicar alguém para ser o primeiro bibliotecário da primeira Biblioteca Pública, fundada em São Paulo, hoje a Biblioteca da Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Aí começava a aparecer o trabalho do Padre Reis. Estava em evidência o seu trabalho.

Não demorou muito para o Padre Reis ir ocupando espaços.

Foi capelão do Convento de Santa Tereza, Juiz de Paz da Sé.

Foi Deputado e Presidente da Assembleia Legislativa da Província de São Paulo.

Vale lembrar que o Padre Reis demitiu-se do cargo de bibliotecário, indignado com o Imperador que, pelo fato de estarem desaparecidos alguns livros da Biblioteca, que se apurou depois nem terem pertencido ao acervo da mesma, pois pertenciam, na verdade, à Biblioteca dos Padres Franciscanos, determinaram a abertura de uma sindicância.

A verdade triunfou e o Imperador viu-se compelido, obrigado a não só recusar o pedido de demissão como a atestar publicamente quão ílibado, honesto, zeloso e dedicado era o Padre Reis.

Cinco anos após esses fatos, cumprindo acordo existente entre a Igreja e o Estado, Sua Majestade, o Imperador, apresentou à Igreja, como candidato ao Episcopado, o Padre José Antônio dos Reis.

Mas, o Padre Reis não estava satisfeito e inquietava-se com a situação política brasileira. Os laços entre o Estado e a Igreja mantinha uma ligação política e cultural. Resolve, então, substituir o espírito eclesiástico pelo espírito jurídico.

Foi sentindo essa substituição de cultura que o inteligente Padre José Antônio dos Reis dedicou-se ao estudo das Ciências Jurídicas, na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, a partir da sua fundação em 1827, formando-se em outubro de 1832 – primeira turma.

Quando terminou seu curso de Direito, o Padre Reis já estava confirmado, pelo Papa Gregório XVI, como Bispo da Diocese de Cuiabá.

Dom José Antônio dos Reis foi o primeiro paulistano e paulista eleito Bispo e foi o primeiro aluno da Faculdade de Direito do Largo São Francisco a galgar o episcopado. Foi, em suma, o primeiro advogado brasileiro a ser nomeado Bispo. A sagração deu-se no dia 8 de dezembro de 1832, pelas mãos do Bispo Diocesano de São Paulo, Dom Manuel Joaquim Gonçalves de Andrade. Vale dizer que esta data – 8 de dezembro – é importante, pois comemora-se Nossa Senhora da Imaculada Conceição, daí a denominação dada ao seminário que construiu em Cuiabá, Seminário da Imaculada Conceição, na colina do Bom Despacho, onde existia uma humilde capela.

Dom José Antônio dos Reis chega à Diocese de Cuiabá no dia 27 de novembro de 1833, após percorrer, através de Minas Gerais e Goiás, desde São Paulo, mais de dois mil quilômetros, em lombo de burro.

No ano de 1834, recrudescer em Cuiabá o ódio aos portugueses. Esse ódio vinha desde 1822. Esse movimento recebeu o nome de Rusga, ou matança dos Bicudos. Dom José Antônio dos Reis tentou apaziguar os ânimos e diante da omissão do Poder Público, o bispo, empunhando uma cruz, num gesto, mais de cem anos depois imitado pelo Papa Pio XII, esta salvando Roma do bombardeio alemão, na Segunda Guerra mundial, saiu às ruas para pedir calma, reflexão cristã aos exaltados.

Em Cuiabá, Dom José Antônio dos Reis permaneceu apenas 10 meses e 18 dias, porque, no dia 16 de outubro de 1834, retorna a São Paulo, a fim de tomar posse como Deputado por São Paulo, nas Cortes Gerais, onde fica por quase oito anos, até o final de 1841. Em 20 de janeiro de 1842, Dom José Antônio dos Reis retorna a Cuiabá e nunca mais voltou a sua terra natal ou ao Rio de Janeiro. Na catedral de Cuiabá, em 1845, ele sagrou dois Bispos paraguaios, o Bispo Diocesano de Assunção e o seu auxiliar.

Aqui passou o resto de sua vida lutando pela construção do Seminário da Imaculada Conceição.

Dom José Antônio dos Reis faleceu em Cuiabá, no dia 11 de novembro de 1876, com 78 anos.

É fascinante a vida de Dom José Antônio dos Reis, Patrono da Cadeira n. 9, que tenho a honra de assumi-la.

Mas, esta Cadeira foi ocupada por outros vultos que engrandeceram a cultura do Estado.

O primeiro Acadêmico a ocupar a Cadeira n. 9 foi o historiador e literato Rubens de Mendonça, que tive a honra de conhecer pessoalmente, em 1982.

Rubens de Mendonça, de personalidade marcante, deixou-nos valiosa contribuição, fruto de sua excelente formação acadêmica, acrescida pelos ensinamentos preciosos legados por seu pai, Estevão de Mendonça, figura de projeção no mundo

intelectual mato-grossense. Rubens de Mendonça, filho de Estevão de Mendonça e de Etelvina Caldas Mendonça, nasceu às 20 horas do dia 27 de julho de 1915, nasceu de 7 meses. Morava aqui na Barão de Melgaço.

Aos 7 anos, foi matriculado no Grupo Escolar Barão de Melgaço. Sua primeiro professora foi Teresa Lobo de Queiroz, grande educadora cuiabana, tia avó do atual presidente desta Academia.

Entrou para a Academia Mato-Grossense de Letras depois de ter publicado 5 livros: *Aspectos da Literatura Mato-grossense*, em 1938; *Garimpo do meu sonho*, 1939; *Álvares de Azevedo, o romântico satanista*, 1941; *Poetas Bororos (antologia de poesias mato-grossenses)*, 1942; *Cascalhos da Ilusão*, 1944.

Em 1945, 17 de março, em sessão solene, toma posse na Cadeira n. 9, que tem como Patrono Dom José Antônio dos Reis, primeiro Bispo de Cuiabá. Rubens de Mendonça foi convidado a entrar para a Academia por Dom Aquino Corrêa, José de Mesquita e Palmiro Pimenta. Não foi eleito por unanimidade, pois seu pai, Estevão de Mendonça, votou em branco.

Rubens de Mendonça publicou 38 livros, casou-se no dia 27 de junho de 1954, na Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, com Ivone Badre de Mendonça. Ele tinha 39 anos quando se casou. Desse casamento nasceu a filha, Adélia Maria Badre de Mendonça, advogada, que conheci na UFMT.

Rubens de Mendonça exerceu os cargos de Escrivão da Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional e da Delegacia Regional do Imposto de Renda – hoje Receita Federal. Foi avaliador judicial da Comarca de Cuiabá. Secretário da Faculdade de Direito, Jornalista Profissional, Professor de Português, 1º Chefe do Escritório da Sudam em Mato Grosso, historiador e literato.

Recebeu inúmeras homenagens, das quais destacamos: Escritos do ano de 1970, Troféu Bororo de Ouro, 1975, Intelectual do ano, Diploma do Mérito Rondon, da Revista *Oásis*, de Goiânia, Secretário Perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e no mesmo cargo da Academia Mato-Grossense de Letras.

Dentre os 38 livros publicados por Rubens de Mendonça, destacavam-se os cinco citados inicialmente e: *Os Mendonças em Mato Grosso*, *História do Jornalismo em Mato Grosso*, *Dicionário Biográfico Mato-grossense*, *Ruas de Cuiabá*, *Bilac – o poeta da Pátria*, *Estórias que o povo conta*, *O Humorismo na Política de Mato Grosso*, *Sátiras da Política de Mato Grosso*, *Roteiro Sentimental da Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá*, *Sagas e Crendices de minha terra natal*, *O Tigre de Cuiabá*, *História da Literatura Mato-grossense*, e tantos outros que contribuíram com a cultura, com as letras, com o desenvolvimento cultural de Cuiabá e Mato Grosso. Tive o prazer de ler boa parte da obra de Rubens de Mendonça e que ensinou conhecer um pouco mais da cultura do povo cuiabano e mato-grossense.

O segundo ocupante da Cadeira n. 9, também nasceu em Cuiabá, aos 3 de fevereiro de 1926: Octayde Jorge da Silva, filho de Octávio Cassiano da Silva e Alayde Jorge da Silva.

Fez o curso primário na Escola Modelo Barão de Melgaço. O secundário no Liceu Cuiabano. Fez o curso médio na Escola Preparatória de Porto Alegre. Sua for-

mação superior teve direcionamento militar, quando, em 1948, diplomou-se junto à Academia Militar das Agulhas Negras.

Casou-se em Cuiabá com Lília Cuiabano Lino da Silva.

Foi Diretor da Escola Regimental do 18º RI de Porto Alegre. Comandante e sub-comandante do 16º Batalhão de Caçadores de Cuiabá, assim como do 1º Batalhão de Fronteiras de Cáceres.

Sua carreira no setor educacional começou quando Octayde Jorge da Silva assume a Chefia do Departamento de Ensino da Escola Técnica Federal de Mato Grosso. Nesse período, lecionou Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Matemática, Química, História, Geografia, OSPB e EPB.

Foi vice-diretor e diretor da Escola Técnica Federal de Mato Grosso.

Foi conferencista, sempre abordando temas relacionados com Estudos de Problemas Brasileiros.

Foi agraciado com as Comendas: Medalha e Diploma do sesquicentenário da independência do Brasil, Medalha Nilo Peçanha, Medalha dos 20 anos de bons serviços prestados ao Exército, Medalha e Diploma da Ordem do Mérito Mato Grosso – grau Comendador.

Octayde Jorge da Silva publicou inúmeros trabalhos de valor histórico e educacional, em jornais e revistas. Deixou escrita e publicada uma obra que serviu de norte nos estudos históricos de Mato Grosso junto à Escola Técnica Federal e à rede pública de ensino: *Um estudo de História de Mato Grosso*.

O terceiro ocupante da Cadeira n. 9 – Leopoldino Marques do Amaral – nasceu em Poconé-MT, em 1º de novembro de 1943, filho de Augusto Marques do Amaral e Dometila Maria Modesto do Amaral.

Cursou Filosofia Pura, Letras e Direito.

Especializou-se em Direito Administrativo e em Direito do Trabalho aplicado ao magistério, na PUC/São Paulo.

Exerceu o magistério de 1969 a 1979, de 1985 a 1990, e de 1994 a 1996, nos seguintes estabelecimentos: Escola Agrícola São Vicente, Colégio Dom Bosco (Campo Grande), Ginásio Padre Carletti (Alto Araguaia), Colégio Estadual de Mato Grosso (Cuiabá), Colégio Pré-Universitário (Cuiabá), Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (Campo Grande), Fundação Universidade Federal de Mato Grosso (Cuiabá), Curso Pré-Vestibular (Campo Grande), Curso Galeno Pré-Vestibular (Campo Grande), Escola Superior da Magistratura (Cuiabá), Escola Superior do Ministério Público (Cuiabá), Professor Titular de Filosofia do Direito da Faculdade de Direito de Campo Grande.

Cargos outros: Gerente-Geral da empresa Rápido Noroeste, Subprocurador da Prefeitura de Cuiabá, Assessor Jurídico da Câmara Municipal de Cuiabá, Coordenador da Faculdade de Direito de Campo Grande, Suplente de Vereador de Cuiabá, Advogado da OAB-MT e Advogado sindicato dos Garçons de Cuiabá.

Leopoldino Marques do Amaral participou como fundador do Restaurante Estudantil “Maria Aparecida Pedrossian – REMAP, em Cuiabá.

Foi o criador e fundador do Curso Pré-Vestibular Supletivo, do qual foi diretor por 10 anos.

Ingressou na Magistratura do Estado de Mato Grosso e exerceu o cargo de Juiz nas seguintes Comarcas: Barra do Bugres, Rosário Oeste, Diamantino, Arenápolis, Nortelândia, Porto dos Gaúchos e Juiz da 10ª Vara Cível de Cuiabá.

Foi coordenador da Escola Superior da Magistratura e coordenador do Juizado de Pequenas Causas de Cuiabá.

Leopoldino Marques do Amaral angariou recursos junto ao Governo e Prefeituras das Comarcas para construir duas residências de juízes, uma em Diamantino e outra em Arenápolis. Construiu do Fórum de Porto dos Gaúchos, instalou o Juizado de Pequenas Causas de Diamantino, primeiro Juizado de Pequenas Causas instalado no Brasil. Instalou o Juizado de Pequenas Causas de Cuiabá – CPA – Santa Isabel – Planalto e Coxipó, em 1986.

Leopoldino Marques do Amaral proferiu conferências em 18 Seminários-Congressos em diversas cidades brasileiras. Foi vice-presidente da Comissão de Reforma do Código de Processo Civil, convocado pelo Ministério da Justiça.

Publicou inúmeros artigos em jornais e revistas de Mato Grosso e em periódicos especializados na área jurídica. Publicou diversas poesias.

Em livro, publicou: *Ser Juiz, Racionalização dos Serviços Judiciários, Poder Judiciário: críticas e novas perspectivas, Justiça, mostra a tua cara.*

Eis algumas citações de Leopoldino Marques do Amaral, tiradas da sua obra *Poder Judiciário: críticas e novas perspectivas*: “O juiz, ao contrário, é sempre figura maior, carismático, ungido por Deus para fazer aquilo que só ele pode fazer-julgar e salvar concomitantemente”. “O juiz é o homem das inquietudes, das inconformidades com a própria vida e a vida dos outros. É um homem de ideais sem limites”. “A sensibilidade do juiz é que faz dele um transformador da sociedade”. “Distribuir justiça é cultivar a igualdade. É por isso que o juiz que faz justiça é um renovador, um transformador, um plasmador do homem novo”.

Leopoldino Marques do Amaral, terceiro ocupante da Cadeira n. 9, morreu assassinado no dia 7 de setembro de 1999, nos arredores da cidade de Concepción, no Paraguai.

Bem, o quarto ocupante da Cadeira n. 9 pede e roga a Deus que lhe dê muita luz e sabedoria para, sem ser arrogante, mas muito orgulhoso, poder falar da responsabilidade que tem e terá de representar os vultos culturais que o antecederam.

Peço que me ouçam, amigos! Aliás, Carlos Drummond de Andrade dizia que “é ouvir os amigos, ainda quando não falam, porque amigo tem o dom de se fazer compreender até sem sinais, até com olhos”.

Fala-vos um amigo. Um amigo cheio de alegria e emoção.

Cuiabá – jamais imaginava com esta conquista – me deu, além do que merecia.

Cuiabá está grafada – gravada – fincada no meu coração. Até pare uma tatuagem. É... no meu coração deve existir uma tatuagem com o nome “Cuiabá”, tal o amor que sinto por esta terra e por sua gente de coração magnânimo.

Mas, tudo começou com leituras de textos e dos livros sobre Cuiabá e Mato Grosso. Aprendi a admirar Cuiabá e os cuiabanos através de leituras de livros e artigos de Lenine Póvoas, Clóvis Pitaluga de Moura, António de Arruda, Pedro Rocha Jucá, Ronaldo de Arruda Castro, do poeta sensacional Moisés Mendes, Luis-Philippe Pereira Leite, do grande poeta Tertuliana Amarilha, José Ferreira de Freitas, Natalino Ferreira Mendes, José Eduardo do Espírito Santo, Padre Pedro Cometti, com quem tive boa convivência e muito aprendi. Clóvis de Mello, grande jurista, Sebastião Carlos Gomes de Carvalho, hoje festejado jurista, ambientalista reconhecido em todo Brasil.

Li e leio os livros e textos maravilhosos da educadora e professora Elizabeth Madureira Siqueira. Do jurista e excelente poeta Desembargador João Antonio Neto. De Benedito Pedro Dorileo, grande educador, reitor da UFMT. Do historiador Ubaldo Monteiro da Silvas. De Adauto Dias de Alencar. De João Alberto Novis Gomes Monteiro, possuidor de uma sensibilidade incrível em sua escrita.

De Benedito Pereira do Nascimento, Desembargador e escritor, cujos escritos me foram úteis. Da historiadora Vera Randazzo. Os maravilhosos poemas de Avelino Tavares. Os livros e artigos do mato-grossense Roberto de Oliveira Campos. As obras Hélio Serejo, quando eu morava no Estado de São Paulo e, mais recentemente, tenho lido e pesquisado as obras do jovem e brilhante jurista Luís Orione Netto, e do querido amigo e irmão Ubiratã Nascentes Alves e as belas poesias de Odoni Gröss. Sou fanático por leitura e livros.

Mas, quero aqui destacar algumas pessoas que me ajudaram, me incentivaram. Além da minha esposa, companheira Isaura, meus queridos e adorados filhos Vanessa e Gustavo, o genro André. Obrigado, Juliana, neta amada. Aliás, ter netos é ter nova mocidade.

Destaco dentre as pessoas que acreditaram em mim, quando aportei Cuiabá, há 20 anos atrás: Álvaro Scólfaro, então diretor da Rádio Difusora Bom Jesus de Cuiabá; Carlos Calia Boscolo e Frederico Campos, então governador. Essas três pessoas confiaram no meu trabalho, Obrigado!

Parafraseando Cecília Meireles, “eu falo hoje aqui, porque o instante e o momento existem, e minha vida está quase completa”.

Foi com a comunicação, com a minha voz, que as portas de Cuiabá e de Mato Grosso se abriram. Sou homem de comunicação. Minha vida é de comunicação. Falo e escrevo. Minha voz e meus textos se espalharam pelo Brasil!

Nunca me preocupei em guardar meus escritos. São Muitos, crônicas, artigos, enfim, a informação pontilhou minha vida.

Faço da comunicação o meu altar, o meu ganhar, o meu chorar, o meu rir. Nasci para comunicar. Comunicar no ensinar, no aprender, no advogar, no falar, no escrever, no comungar e no difundir ideias.

Augusto João Manoel Leverger – o Barão de Melgaço, que nesta casa morou, daí o nome Casa Barão de Melgaço, sede desta Academia de Letras, numa carta enviada a sua irmã, dizia, e isso faço também minhas palavras: “Minha vida não foi isenta de peripécias, mas nenhum desastre a convulsionou. Não sou rico, nunca fui; jamais,

porém, me faltou o necessário. Sem intrigas nem proteções, logrei alcançar certo nome e posição social, sem me darem vertigem, estão, contudo, muito acima do quanto eu poderia ter ambicionado”.

Graças te dou, Cuiabá!!!

Sou jornalista, professor, radialista, advogado. Essas profissões estão ligadas à comunicação e ao meu espírito de comunicador.

Todas ligadas à palavra, que é minha matéria-prima. “As palavras que podem suscitar todas as emoções, pavor, terror, dor, nostalgia, pesar, amor e alegria...”

As palavras podem desmoralizar um homem até à apatia, ou espicaçá-lo até o deleite. Podem exaltá-lo a extremos de experiência espiritual e estática. A palavra tem um poder assustador.

A palavra dá o poder de comunicação. E é a comunicação que faço, que envolve a educação, a justiça, a política, a sociedade, o povo.

Estive envolvido com educação. Por isso, tenho o dever de afirmar que a educação brasileira, o ensinar, hoje, exige lucidez. É preciso criar, implantar, definir um modelo de educação concebido, voltado para atender, num só tempo, ao interesse social, da sociedade e o interesse do indivíduo. Definir agora um modelo de educação para as próximas gerações. Não dá mais para esperar, contemplar de braços cruzados o caminhar da educação sem se envolver ou se manifestar.

Nossas escolas precisam ajudar os alunos a tornarem-se humanos. Tem que produzir e formar humanos. A escola deve formar cidadãos, formar gente.

Saber é importante. O mundo mudou e muitos não perceberam. Hoje, já não basta ter terras, fazendas, dinheiro, tecnologia. Tem que ter informação. Quem não tem informação arrisca-se a perder tudo o que acumulou. Quem tem informação tem o poder na mão.

Daí minha tara pelo jornalismo, que o faço de maneira mais honesta e séria. Não se brinca com informação. Ao longo dos anos como jornalista experimentei radicais mudanças na política, na sociedade, no avanço da tecnologia. Novas ideias e concepções foram incorporadas no jornalismo brasileiro. Aprendi a valorizar a liberdade e a democracia. Nunca perdi a noção de que a informação é um direito de todo e qualquer cidadão.

E que o direito e o dever de informar é do jornalista. Mas, informar correta e honestamente, sem ceder a pressões. Que a verdade dos fatos deve ser difundida com veemência. Condenar a mentira, a manipulação, o autoritarismo é dever e obrigação do jornalista. Este é o papel social do jornalista numa sociedade que busca aperfeiçoar suas instituições, seus sistemas políticos, educacionais e econômicos. O jornalista é testemunho do seu tempo. É o historiador.

Em *Dom Quixote de la Mancha*, Cervantes afirma: “uma coisa é escrever como poeta, outra como historiador: o poeta pode contar ou cantar coisas, não como foram, mas como deveriam ter sido, enquanto o historiador deve relatá-las, não como deveriam ter sido, mas como foram, sem acrescentar ou subtrair da verdade o que quer que seja”.

Confesso-lhes estar orgulhoso.

Como jornalista, professor, advogado, profissões que como já disse, estão ligadas à comunicação e à palavra. Minha matéria-prima é a palavra. Ela é minha arma, minha força, meu pão. A palavra é a mais poderosa das armas.

Todos aqui, que compõem a Casa dos Imortais, tem a necessidade de trabalhar a palavra e fazer dela o mais puro e singelo uso, elevando-a. Somos operários das letras, das palavras, da comunicação. As palavras pesam, condenam, salvam, engrandecem, diminuem, louvam, acariciam, martirizam, matam o homem.

Impossível viver sem as palavras, sem a comunicação!

Dizem até que os inimigos do homem são: a mesquinharria, a falta de visão, a incapacidade de conversar, de comunicar.

É espantoso o efeito positivo ou negativo de um par de palavras.

A comunicação está evoluindo cada vez mais e exigindo que tiremos os olhos do umbigo para perceber a transformação do mundo. As ideias estão brotando em todos os lugares e transformando a humanidade. Graças à comunicação e as palavras, todo mundo sabe tudo da vida de todo mundo.

A comunicação nos ensinou que no mundo existem os complicadores e os descomplicadores. Os complicadores trazem a infelicidade para si e para outros. Afastem-se deles. Os descomplicadores trazem o oposto: a felicidade, a vitória, o sucesso. Os complicadores são pessoas arrogantes, e por isso, indesejáveis,

Neste sodalício da inteligência, não haverá espaço para complicadores.

Aqui serão erguidas as bandeiras da história, da arte, das letras, da ciência e do espírito livre e democrático dos pensadores de nosso tempo.

Minha bandeira começa a ser hasteada, hoje, na Casa Barão de Melgaço. E aqui ela deve permanecer como referência das ideias, dos pensamentos e das ações culturais daqueles que ocuparam a Cadeira n. 9.

Faço parte da Casa dos Imortais.

Minha bandeira será plantada no topo da intelectualidade mato-grossense.

A Imortalidade

Chego à Cadeira n. 9 da Academia Mato-Grossense de Letras, instituição que representa a ancestralidade das letras em nosso Estado. Casa que abriga os estudiosos, os estimuladores da nossa cultura, da nossa literatura, da nossa história. Os estudiosos da beleza. Chego à imortalidade acadêmica. Torno-me acadêmico e imortal, com muita humildade e graças aos confrades que votaram no meu nome, em 30 de novembro. O homem passa, mas sua obra fica para imortalizá-lo. Homem passa, suas ações, suas ideias e pensamentos se imortalizam, perenizam. A esperança agora é não decepcionar. O objetivo é produzir. É ajudar esta Casa em suas atividades que se constituem na preservação, no culto de sua produção histórico-literária. Propagar, divulgar a beleza que os confrades produzem, criam, como diz o poeta Moisés Mendes Martins: “não deixe sua alma envelhecer com o corpo. Alimente-a com poesias e fantasias, e mesmo ilusões. Afinal, o que é a vida!”

Finalizo minha fala dizendo que gostaria imensamente que aqui estivessem duas pessoas que amo: meu saudoso pai, Luiz Carrara, e minha mãe, Antonia – a Tuni- ca, que só não veio porque passou por uma cirurgia. Está se recuperando. Está com 89 anos.

Muito obrigado pela presença de todos e me despeço utilizando como mensa- gem final trechos de poesias do confrade Tertuliano Amarilha:

*Resolvi ficar...
Tens assim a prova
do meu grande amor
afeição sincera
que à primeira vista
brotou em minha alma.
Cidade querida,
capital festiva.
Luz de inspiração
que me alegra a vida!
viste-me chegar
carregado de sonhos,
trazendo comigo
bagagem de aurora,
flores ilusórias
colhidas nos prados,
que o poeta anedejo
veio oferecer-te
Bela Cuiabá!*

*Eu pedi a Deus
que me deixasse aqui
para conviver
com os cuiabanos
com os bons amigos
os mato-grossenses
que me incentivaram
com os seus aplausos
e me ofereceram
Fraternal guarida.*

*Não sou cuiabano, sou sim
“pau rodado”
e devo dizer-lhes que gosto daqui.*

*Eu vim para cá e hoje estou realizado
pois gostei do peixe e do
arroz com pequi.
gostei dessa gente,
dos bons cuiabanos
na verdade, eles são
verdadeiros amigos,
deixei, lá distante, os
cruéis desenganos,
Findaram assim
Sofrimentos antigos.*

*Aqui me dei bem, e
os bafejos da sorte
trouxeram-me a paz
necessária na vida,
agora eu me sinto otimista e mais forte;
a estrada hoje está toda verde e florida.*

*Sem dúvida, fui muito bem recebido
sinal de amizade e calor muito humano,
abriram-se então um caminho florido
por toda extensão deste chão cuiabano.*

*Gostei dos costumes da gente da terra,
dancei siriri e tomei guaraná
diante de mim um jardim se descerra
e surge este berço de amor Cuiabá.
Eu aprecio a peixada boa
em que outras partes sei que não há
digo a verdade, não falo à toa]não sairei
mais de Cuiabá*

Obrigado!